

## A CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIA SIMBÓLICO-RELIGIOSA E LASSALISTA A PARTIR DOS VITRAIS DA CAPELA SÃO JOSÉ, EM CANOAS/RS

Zenilde Sganzerla<sup>1</sup>Lucas Graeff<sup>2</sup>Cleusa Maria Gomes Graebin<sup>3</sup>

**Resumo:** O artigo apresenta e discute os resultados de uma pesquisa que analisou os conteúdos iconográficos e iconológicos dos trinta e três vitrais da Capela São José, em Canoas/RS. Demonstra-se as íntimas relações entre o simbolismo e a memória lassalista, a partir de considerações teóricas sobre simbolismo e memória social. O método de pesquisa foi qualitativo, reunindo fontes primárias e secundárias como manuscritos, fotos, iconografias, boletins, informativos, memorandos localizados no Museu e Arquivo Histórico La Salle (Unilasalle Canoas), além de entrevistas com Irmãos Lassalistas. A interpretação dos significados simbólicos dos vitrais realizou-se segundo os três níveis de análise iconográfica e iconológica propostos por Erwin Panofsky. Os seis vitrais descritos neste trabalho representam a materialização das lembranças coletivas e espirituais da tradição lassalista. Neste sentido, reconstruir o significado simbólico dos vitrais da capela São José é confirmá-la como espaço de memória simbólico-religiosa e de identidade lassalista.

**Palavras-chave:** memória social; simbolismo religioso; tradição lassalista.

## THE CONSTRUCTION OF SYMBOLIC-RELIGIOUS MEMORY AND LASALLIAN FROM THE STAINED GLASS WINDOWS OF THE ST. JOSEPH CHAPEL, IN CANOAS/RS

**Abstract:** This paper presents and discusses some results of a survey analyzing the iconographic and iconological contents of thirty-three stained glass windows of St. Joseph Chapel in Canoas/RS, Brazil. It shows the intimate relationship between symbolism and Lasallian memory from theoretical considerations about symbolism and social memory. The research method is qualitative, gathering primary and secondary research sources such as manuscripts, photographs, iconography, bulletins, newsletters, interviews and memos. The interpretation of the symbolic meanings of the stained glass was performed according to the three levels of iconological and iconographic analysis proposed by Erwin Panofsky. The six stained glass windows described in this paper represent the realization of collective and spiritual memories of the Lasallian tradition. In this sense, to rebuild the symbolic significance of

<sup>1</sup> Mestre em Memória Social e Bens Culturais pelo Unilasalle Canoas. Professora do curso de Teologia do Unilasalle. Coordenadora do Setor de Extensão do Unilasalle Canoas. Contato: [zenilde@unilasalle.edu.br](mailto:zenilde@unilasalle.edu.br)

<sup>2</sup> Doutor em Etnologia e Sociologia Comparada pela Universidade de Paris 5 – Sorbonne. Coordenador Adjunto e professor do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais e professor do Curso de História do Centro Universitário Unilasalle Canoas. Líder do Grupo de Pesquisa Memória, Cultura e Identidade. Representante do segmento Universidades no Conselho Municipal de Cultura de Canoas/RS. Contato: [lucas.graeff@unilasalle.edu.br](mailto:lucas.graeff@unilasalle.edu.br)

<sup>3</sup> Doutora em História pela Unisinos. Coordenadora e professora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais e professora do Curso de História do Unilasalle Canoas. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Memória, Cultura e Identidade. Coordenadora do Museu e Arquivo Histórico La Salle. Pesquisadora associada ao Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Contato: [preleusa@unilasalle.edu.br](mailto:preleusa@unilasalle.edu.br)

the stained glass windows of the St. Joseph Chapel is to confirm it as a symbolic-religious memory space and of Lasallian identity.

**Keywords:** Social memory; religious symbolism; Lasallian tradition.

## Introdução

Em 4 de março de 1908, membros do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs<sup>4</sup>, convictos da sua missão de assistir aos pobres e de educar crianças e jovens, iniciaram, no então povoado de Canoas, distrito de Gravataí (RS), as atividades da instituição escolar Instituto São José<sup>5</sup>. Segundo Compagnoni (1980), sua vinda deveu-se, não só aos insistentes convites de membros da Igreja Católica no Brasil, mas também, pelas circunstâncias políticas de seu país de origem, a França, onde desde 1877, sucediam-se leis<sup>6</sup> que restringiam “o poder da Igreja, desmantelando sua organização e suprimindo a liberdade de ensino” (GRAEBIN, 1998, p. 46).

No Rio Grande do Sul, os Irmãos encontraram campo fértil para disseminar suas escolas, tendo em vista o desejo das autoridades eclesiásticas da cristianização das novas gerações. Também, encontraram facilidades a partir do governo sul-rio-grandense, pois este apregoava o ensino livre, “ensine quem souber e quiser – e como puder” (RODRIGUEZ, 1980, p. 23) e defendia, no programa do PRR-Partido Republicano Rio-Grandense no poder, “o preparo de leis sábias que desafiem a boa imigração espontânea” (OSÓRIO, 1930, p. 21). Assim, Irmãos de diferentes nacionalidades (50 de 1907 a 1912; 45 de 1920 a 1955) vieram para Porto Alegre, de onde partiam para criar escolas pelo estado sulino e pelos demais no Brasil.

Quinze dias após a fundação do Instituto, durante a festa de São José (19 de março)<sup>7</sup>, Dom Cláudio José Ponce de Leão, então Bispo de Porto Alegre, benzeu uma pequena sala que passou a servir de capela para os Irmãos, colocando-a sob a proteção de São José. Gradativamente, o espaço em que funcionava a escola — um hotel — foi adaptado às finalidades da Congregação: “salas de aula, residência dos Irmãos, cozinha, refeitório e capela” (NESELLO, 2010, p. 52). Nesse movimento de ampliação e consolidação das práticas lassalistas, a Capela São José recebeu a oportunidade de se instalar em uma nova sede no ano de 1914. Os Irmãos registraram este momento:

Nos primeiros dias de fevereiro de 1914 começou-se a construção de um prédio, contratando o construtor Fioravante Milanez, que compreende o andar térreo que serviria de capela e de mais um andar para dormitório, mais a sacristia, com material de primeira qualidade. Este primeiro piso foi pintado pelos Irmãos Bénigne Eloi, Fabien Albert e Claudacte Jean (Livro Memorial do Instituto São José -1908 a 1949).

A Capela São José tomou os contornos atuais (2014) no final dos anos 1930, com a reforma sob a

<sup>4</sup> Congregação religiosa constituída pelo Padre João Batista de La Salle (França, 1684).

<sup>5</sup> Atual (2014) Colégio La Salle Canoas.

<sup>6</sup> Em 1904 a “Lei de Combes, Presidente do Conselho de Ministros francês, proibiu que qualquer congregação, mesmo autorizada exercesse o magistério”. (GRAEBIN, 1998, p. 45)

<sup>7</sup> As festas de São José e a de São João Batista de La Salle eram as principais comemorações escolares até os anos 1930. Com a emancipação política de Canoas em 1939, o Município passa a adotar calendário no qual foram fixadas datas cívicas que a escola passou a celebrar.

coordenação do Irmão Júlio (Athelbert Jules). Como destaca Nesello (2011, p. 76): “Recebera um segundo andar com galerias novas, órgão, novos e belos vitrais, novos altares, diferentes dos atuais, novas imagens, como a de São José, padroeiro do Instituto e da Capela. Os nichos laterais são obra do Irmão Apolinário, hoje Padre Jesuíta Ruperto Jaeger”. Foi inaugurada solenemente no dia 30 de maio de 1939, na celebração de Pentecostes, pelo então Arcebispo de Porto Alegre, Dom João Becker, contando com um conjunto de trinta e três vitrais, além de adornos de autoria de Antônio Cremonesi.

Mais recentemente, entre 1997 a 2001, procedeu-se a restauração da Capela São José sob a coordenação do Irmão Renato Koch. O trabalho revigorou o espaço de culto e religiosidade que resultou na Capela atual. A firma Arte Vitral de Canoas removeu todos os vitrais, restaurando-os e reavivando as cores. Apenas as pinturas e inscrições do coro não foram alteradas.

O conjunto arquitetônico e imagético da Capela está protegido pelo inventário realizado pela Comissão de Patrimônio do Município de Canoas, registrado no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual – IPHAE. Atualmente (2014), visitantes, grupos, praticantes da confissão católica e leigos a frequentam diariamente. Segundo a experiência dos autores deste artigo, são corriqueiras as interrogações dessas pessoas sobre a imaginária sacra, em particular no que se refere ao conjunto de vitrais e sua relação com a memória da Instituição. Quem são os personagens contidos nos vitrais e o que representam na simbologia ali estampada? Há uma relação dos personagens simbólicos com a identidade e a memória Lassalista? Qual a função dos vitrais para além do sentido estético? Os vitrais evocam lembranças e significados relacionados à presença Lassalista em Canoas e no Rio Grande do Sul?

A fim de responder a essas questões, foi realizada, no âmbito do Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais (Unilasalle Canoas), uma pesquisa analisando os conteúdos iconográficos e iconológicos dos trinta e três vitrais da Capela São José. Neste artigo, apresenta-se uma parte desse trabalho analítico, a fim de demonstrar as íntimas relações entre o simbolismo e a memória lassalista. Para tanto, apresenta-se, de início, algumas considerações teóricas sobre simbolismo e memória social, conceitos que fundamentaram a pesquisa. Em seguida, discute-se as particularidades do método. Por fim, apresenta-se a análise de seis vitrais cujos conteúdos mais se relacionam com a memória da Congregação de Irmãos das Escolas Cristãs e de seu fundador, João Batista de La Salle.

### **Simbolismo, espaço e memória social: uma introdução**

Símbolo, do termo grego *symbolon*, significa lançar com, por junto com, juntar duas metades. Segundo José Croatto (2001), os gregos tinham o costume, ao fazer um contrato, quebrar em duas partes um objeto de cerâmica, onde cada pessoa levava consigo um pedaço. Uma reclamação posterior era legitimada através da união das duas partes do objeto original. Essa reunião, para os gregos, permitia reconhecer que a amizade permanecia intacta. Assim, segundo Croatto, o símbolo “une o rompido e o fraturado”; une, sobretudo, a realidade visível com a invisível.

Como assinala José Maria Mardones, “o símbolo é o modo humano de articular a realidade” (2006, p. 91) — uma bandeira ou um brasão pode evocar tanto a presença mesma do rei quanto a sua mera representação. Da mesma forma, os símbolos cristãos evocam a presença real do Absoluto para os que confessam esta fé, enquanto que se tratam de meras imagens para os não crentes. Em todos os casos, o que se

reúne não é “uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica” (SAUSSURRE, 2006, p. 79). Assim, a articulação da realidade operada pelo simbolismo não é necessária, mas arbitrária; ela não se dá pela natureza intrínseca do conceito (significado) ou da imagem (significante)<sup>8</sup>, mas pela força da tradição e da continuidade.

Definido como modo humano de articular a realidade pela tradição, o conceito de símbolo dialoga com o de memória - à condição de que se supere “a inadmissível avaliação da memória como mero depósito de dados e de informações relativas à coletividade ou à vida individual”, como assinala José D’Assunção Barros (2009, p. 37). Com efeito, entende-se que no conceito polissêmico de memória está embutida a ideia de atividade criadora; para além de atestar e transmitir significados compartilhados entre gerações e contemporâneos, assegura a continuidade de grupos sociais por meio da invenção e renovação simbólica.

Sob esse ponto de vista, a memória não se localiza exclusivamente nas funções psíquicas dos indivíduos - ainda que se efetive através delas. A memória individual é bem delimitada do ponto de vista da neurobiologia: as vias nervosas registram e regulam experiências através dos processos bioquímicos, hormonais, ocasionados por experiências pessoais de grande carga emocional, envolvendo sensações, sentimentos, estados de ânimo e a atenção (IZQUIERDO, 2011). Além do mais, a memória individual é regulada por formas de esquecimento que vão desde a extinção pura e simples (estímulo condicionado vinculado à ausência do estímulo original) até a perda de memórias por falta de uso ou porque as experiências vividas não envolveram grande carga emocional (IZQUIERDO; BEVILAQUA; CAMMAROTA, 2006). Por outro lado, seria ingênuo pensar que a memória social corresponde ao somatório das vivências individuais de grande carga emocional e, entre essas, daquelas que não foram extintas ou reprimidas. Na medida em que atesta e transmite significados compartilhados, a memória social também atualiza e transforma o valor das experiências vividas solitariamente e com os outros.

O mesmo pode ser dito a respeito do que se encontra conservado em arquivos ou monumentos: não basta que determinadas inscrições físicas estejam ali, à disposição de um público leigo ou especializado, para que sejam efetivamente uma memória social. É preciso que as imagens e inscrições sejam atualizados, isto é, articulados significativamente e mediando projetos que dão “sentido para sua ação no contexto das complexidades dos processos de trocas e interações sociais” (ECKERT; ROCHA, 1998, p. 11).

Pela ênfase na tradição, continuidade e transformação de sentidos, os conceitos de símbolo e memória social são ferramentas fundamentais na compreensão de identidades culturais-religiosas. Segundo Cardita, (2007), o simbolismo revela sentimentos e experiências profundas vinculadas às “realidades mais densas” da existência humana. Sob uma perspectiva simbólico-memorial, uma flor pode expressar a gratidão e reconhecimento coletivamente e através dos tempos; um crucifixo, todas as virtudes e paixões da condição humanista-cristã; o sol, a alegria, a luz, a transformação e o ápice de uma civilização; uma nuvem escura, a preocupação e a tristeza de famílias de pescadores; o mar, a imensidão e a grandeza do império britânico. Todos esses sentidos remetem à tradição de um grupo e às memórias vividas coletivamente.

No que se refere a um espaço religioso e cristão como a Capela São José, com suas diversas manifestações rituais litúrgicas ou de culto, a perspectiva simbólico-memorial vislumbra os objetos, os gestos e

<sup>8</sup> Sob esse ponto de vista, as autoras e o autor do texto divergem da posição tradicional da semiologia saussuriana, que atribui um “rudimento de vínculo natural entre o significante e o significado” (SAUSSURRE, 2006, p. 82). Os estudos pós-estruturalistas aprofundam a proposição de que o valor é dado pela diferença, inviabilizando o projeto de metafísica histórica característico do período saussuriano.

as obras de arte que ali se encontram como significantes que articulam a realidade vivida pelo crente e que captam sua comunicação com o transcendente. Pensando com Frances Yates, trata-se de perceber “algo ausente e impossível de ser percebido, pois seu significado é inacessível e transcendente”(YATES, 2007, p. 90)<sup>9</sup>. Sem esse olhar, o espaço se empobrece simbolicamente. Perde-se a integração que o crente faz do amor e da liberdade cristãs como experiências pessoais e profundas na fé e, portanto, os sentidos que sustentam simbolicamente os rituais litúrgicos e de culto.

Nesse sentido, vale destacar a posição de Agostinho (1984), que usava imagens simbólicas em sua didática cristã para expor e impressionar seus ensinamentos de modo memorável para o cristão. Ou ainda, segundo Hastenteufel (1995), as imagens simbólicas foram usadas desde o cristianismo primitivo, quando os cristãos eram perseguidos e impedidos de professar a sua fé publicamente. Presos nas catacumbas romanas, eles se serviam de símbolos pintados nas paredes para fazer memória de sua fé através da prática secreta do culto. O acróstico mais conhecido pelos primeiros cristãos era o peixe. Este símbolo era desenhado no chão e servia de sinal secreto para que um cristão pudesse falar de Cristo com outro cristão, assim não corria perigo de ser perseguido e jogado nas arenas romanas para servir de alimento aos leões.

Nas sociedades modernas, cada religião possui seus espaços simbólicos-memoriais. Em torno deles e em seu interior, o crente se identifica e se reúne com as tradições e os significados de experiências que lhe antecedem e lhe transcendem. Assim, pode-se pensar a Capela São José como espaço de memória<sup>10</sup>, entendendo-o como um lugar com sentidos e significados construídos por aqueles que o frequentaram e ou frequentam e com grande potencial identitário. A Capela, pelo que já foi discutido, incorpora, a partir das suas funções, noções de memória coletiva e individual e a partir das políticas de transmissão de mensagens, tanto católicas quanto lassalistas, projeta valores, códigos e comportamentos para as novas gerações de Irmãos, docentes e alunos de diferentes níveis escolares institucionais. Afinal, como escreveu José Maria Mardones, “por traz de cada ato religioso e de cada objeto (símbolo) de culto estão o desejo e a pretensão humanas de transcender o tempo e a história” (MARDONES, 2006, p. 88).

### **Interpretando os vitrais da capela São José: opções metodológicas**

Interpretar o significado simbólico-memorial dos vitrais da Capela São José é explorar o potencial de mediação das imagens simbólicas no que se refere à tradição cristã e à memória Lassalista. Para dar conta dessa tarefa, optou-se por uma investigação iconográfica e iconológica a partir dos critérios de Erwin Panofsky (2007). Em linhas gerais, a investigação dividiu-se em três níveis:

<sup>9</sup> Yates (2007) comenta que, nos espaços religiosos das igrejas católicas, estabeleceu-se o costume de dispor as imagens simbólicas de acordo com a sequência dos fatos narrados pela história cristã. O objetivo era evitar o esquecimento dos fatos e, por extensão, das virtudes cristãs. Essa prática ganhou muita força nos interiores das grandes catedrais góticas da Idade Média que, ainda hoje, mantém estes traços simbólicos como espaços religiosos de memória.

<sup>10</sup> O conceito “espaço de memória” tem sido utilizado por estudiosos que tratam de políticas de preservação de espaços físicos que estiveram relacionados com eventos históricos em regimes de exceção, notadamente quando atores sociais, chamado de “empreendedores da memória” buscam legitimar demandas de preservação daqueles. Além da associação da memória com o espaço físico, há neste, potencial identitário, marcas de eventos e nomes de atores sociais, constituindo um conjunto de registros. Ver JELIN, Elizabeth; LANGLAND, Victoria. Las marcas territoriales como nexo entre pasado y presente. In: \_\_\_\_\_ (Comps.). *Monumentos, memoriales y marcas territoriales*. Madrid; Buenos Aires: Siglo XXI, 2003. (Coleção Memorias de la represión). PADRÓS, Enrique Serra. Ditadura brasileira: verdade, memória...e justiça. *Historiae*, Rio Grande, v. 3, p. 65-84, 2012. Entende-se que este conceito é polissêmico e que seus caracteres e elementos podem ser aplicados a outros espaços que envolvam construções simbólicas, identitárias e de construção de significados e sentidos, como o caso da Capela São José.

1. Tema primário ou análise pré-iconográfica, consistindo na descrição detalhada da imagem.
2. Tema secundário ou análise iconográfica, levando à compreensão do que convencionalmente se atribui à imagem e seus detalhes conforme seu contexto de produção e recepção.
3. Significado intrínseco ou conteúdo, que traz à tona a interpretação iconológica completa, quando o pesquisador desvenda conteúdos que escapam à mera contextualização histórica da obra e podem revelar temáticas transculturais e ou transcendentais.

Para uma efetiva realização dos níveis dois e três, foi necessário um retorno a fontes primárias como manuscritos, fotos, iconografias, boletins, informativos, memorandos localizados no Museu e Arquivo Histórico La Salle (Unilasalle Canoas), além de entrevistas com Irmãos Lassalistas. À escolha das fontes relacionou-se um percurso metodológico de caráter qualitativo que, segundo Minayo (2001), possibilita trabalhar com o universo de significações, motivos, aspirações, valores, crenças, atitudes que se desenvolvem nos níveis mais profundos do processo relacional.

A pesquisa qualitativa oportunizou ampla autonomia na obtenção de dados e na interpretação dos significados simbólicos da Capela São José e de seus vitrais, posto que ela promoveu interações entre fontes diversas (escritas e orais), contribuindo para a percepção do valor e do significado que as pessoas dão às coisas e aos fatos (DESLAURIERS; KÉRISIT, 2008). Isso foi perceptível particularmente no caso das entrevistas com os Irmãos que residem no Centro Universitário La Salle. Nesse caso, contou-se com um guia de entrevista que, somado às fontes escritas, contribuiu para recuperar não apenas os aspectos formais e simbólicos dos vitrais, mas a sua compreensão dialógica a identidade Lassalista.

No que se refere aos documentos, partiu-se de uma busca sistematizada de materiais ainda não publicados ou disponibilizados e de levantamento bibliográfico e consulta de livros, artigos científicos e publicações periódicas sobre as temáticas dos vitrais, da memória e história Lassalista e dos significados simbólicos e religiosos cristãos e católicos. As leituras desses materiais resultaram em apontamentos gerais e categorias específicas apresentadas em forma de fichas de leituras.

Ao longo das consultas às fontes documentais e aos depoentes, visitou-se a Capela e seus trinta e três vitrais. Em alguns casos, os próprios Irmãos Lassalistas se fizeram presentes na Capela e deram indícios sobre o conteúdo iconográfico e iconológico dos vitrais. Na condição de testemunhas vivas da instalação dos mesmos, sua opinião foi de grande valor para a pesquisa.

### **Análise de seis vitrais da capela São José, em Canoas**

Considerando os limites deste artigo, optou-se pela análise dos seis vitrais da Capela São José cujos significados remetem diretamente à memória lassalista, a saber: Monograma de São José, São João Batista de La Salle, Beato Irmão Salomão Leclercq, São Gabriel da Virgem Dolorosa, Brasão da Família La Salle, Brasão do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs.

Além de dar a ver e a compreender alguns dos elementos fundamentais dessa tradição que remonta ao século XVI, o objetivo é apresentar como a perspectiva memorial-simbólica pode contribuir na compreensão dos sentidos da realidade vivida pelo crente quando ele se encontra em um lugar que se define através de uma simbologia religiosa.

Figura 1: Monograma de São José



Fonte: Luciano Lunkes, 2013.

O primeiro vitral analisado é o do monograma de São José. Na Figura 1, identifica-se as letras “S”, na cor vermelha, o “J”, na cor branca. Ambas, maiúsculas, ocupam o centro de um círculo em fundo azul claro adornado com lírios brancos e com ramagens verdes. O monograma, cujas letras iniciais indicam a expressão “São José”, é uma referência ao Padroeiro da Congregação dos Irmãos Lassaletas.

José levou Maria e Jesus para visitar o templo e apresentar Jesus ao velho Simeão. Juntamente com Maria, ficou preocupado quando Jesus teria se perdido no templo, isto quando Jesus tinha 12 anos (Lc 2,41-50). Após esse episódio, a bíblia não menciona mais José, que não aparece na vida pública de Jesus nem em sua morte e ressurreição.

Segundo Alves (1990), a veneração a São José começou no Egito, disseminando-se no Ocidente quando os escritos apócrifos<sup>11</sup> começaram a circular relatando a sua história. Pela grande devoção dos cristãos, foi elevado a modelo de pai, patrono dos operários (principalmente dos carpinteiros), protetor da Sagrada Família e da grande Família de Deus que é a Igreja. Em 1870, o Papa Pio IX o proclamou “O Patrono da Igreja Universal”. Desde então, sua festa é comemorada no dia 19 de março, embora o Papa Pio XII, em 1955, estabelecesse uma segunda festa para São José, a de Operário, em primeiro de maio.

A simbologia do monograma representado com as letras S e J, ornadas por lírios brancos significam e lembram a pureza com que José viveu sua vida ao lado de Maria e seu Filho Jesus. Antes mesmo de lhe atribuírem seu valor simbólico, “o lírio era muito apreciado como motivo artístico e ornamental no Egito Antigo. O lírio branco é muito difundido como símbolo da luz e para a iconografia cristã é o símbolo da pureza e da inocência e nas representações da virgindade” (BELLOMO, 1994, p. 202).

São José adquire um sentido especial na vida dos Irmãos Lassaletas, por ser o padroeiro, o protetor do Instituto. Sua festa é celebrada no dia 19 de março. O próprio João Batista La Salle o escolhe como protetor do Instituto:

Tomai, pois, a São José, vosso padroeiro, por modelo e esforçai-vos por brilhar na virtude a exemplo deste grande Santo, para que sejais dignos de vosso ministério. Se quiserdes que Deus vos conceda muitas graças, tanto para vós, como para a educação cristã das

<sup>11</sup> A palavra *Apócrifo*, do grego *apokrypha*, *escondido*, nome usado pelos escritores eclesiásticos para determinar, 1) Assuntos secretos, ou misteriosos; 2) de origem ignorada, falsa ou espúria; 3) documentos não canônicos. Disponível em: <http://www.vivos.com.br/197.htm>.

crianças de que cuidais e dirigis, deveis imitar este Santo no amor e na fidelidade em obedecer. Esta é de todas as virtudes a que mais convém ao vosso estado e que mais graças vos alcançará. Vós fostes encarregados por Deus dos alunos como São José o foi do Salvador do Mundo. Portanto, assim como ele cuidava de tudo o que pudesse contribuir para o bem do Menino Jesus, assim deveis ter a mesma atenção e o mesmo desejo de conservar ou recuperar a inocência das crianças sob a vossa direção (MEDITAÇÃO, nº 110, p. 268).

Os primeiros Irmãos vindos a Canoas comemoravam solenemente a Festa de São José no dia 19 de março de cada ano. No Livro Memorial (1908-1949)<sup>12</sup>, encontramos alusão à festa: “Celebramos a Festa de São José” (1908). “Celebração da Festa de São José e de São João Batista de La Salle” (1910). “Na festa de São José houve a bênção da estátua de São José, colocada na entrada principal da casa” (20/03/1916). E assim subsequentemente.

Figura 2: São João Batista de La Salle



Foto: Luciano Lunkes, 2013.

No segundo vitral analisado, vê-se um homem de pé, cabelos curtos e brancos, aureolado na cor amarelo ouro, seu rosto levemente inclinado para frente e para baixo. Trata-se de São João Batista de La Salle, fundador da congregação Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs. Sua mão esquerda abraça uma criança; a direita segura um facho de luz avermelhado, apontando para o alto. Veste uma batina com botões e uma faixa na cintura nas cores branca e preta, sobreposta com uma capa na mesma cor. Junto ao pescoço, abrangendo parte do peito, tem um colarinho no formato quadrado e na cor branca. Junto dele uma criança de cabelos castanhos claros, olhar voltado para a tocha de luz, mãos postas, veste túnica azul.

São João Batista de La Salle, nas mais variadas representações, apresenta-se com a batina eclesiástica de trinta e três botões, significando, conforme a tradição da Igreja, a idade com que Jesus foi morto. Em cada manga, a túnica teria mais cinco botões, lembrando as cinco chagas de Jesus. A cor preta significa a morte para o mundo e o branco do colarinho, a pureza com que os religiosos devem viver.

Pela observação do vitral, não é possível identificar-lhe a fisionomia com retratos clássicos (Léger, Scotin, por exemplo), nem com as descrições feitas pelos primeiros três biógrafos do Fundador que o conheceram em vida: Élie Maillefer, Frère Bernard e Jean-Batiste Blain<sup>13</sup>.

<sup>12</sup> Histórico do Instituto São José – 1908-1949 – Livro Memorial nº 01 encontrado no Museu e Arquivo Histórico La Salle.

<sup>13</sup> Cf. estudo feito por CORNET, J.A.; ROUSSET E., “Iconographie de Saint Jean-Baptiste de La Salle” (1989, p. 350).

La Salle, segundo o Ir. Justo (2005), nasceu na mansão La Cloche em Reims, França, no dia 30 de abril de 1651. Morreu em Ruão, em 7 de abril 1719. Foi o primogênito de 11 filhos, sofrendo com seus pais, Luís de La Salle e Nicole Moët de Brouillet, a morte de quatro irmãos. Desde a idade de 11 anos, demonstrava interesse pela vida religiosa. Tornou-se padre aos 27 anos.

Em Reims, sua cidade natal, participou na fundação de duas escolas para filhos das famílias pobres. Como acreditava que a vida espiritual deveria fazer parte da formação dos professores, fundou, com eles, uma associação, cuja missão era a de aprender a ensinar a partir dos princípios cristãos. Nascia assim o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, presente, hoje, em mais de oitenta países.

Como sacerdote, seguia uma estrita regra de vida. Levantava às quatro horas da manhã, estudava as escrituras, visitava os pobres e dava lições às crianças. Como educador, La Salle não cansava de repetir que era preciso conhecer e amar seus alunos e consagrar-lhes a “firmeza de pai e a ternura de mãe”. Após sua morte, vários milagres lhe foram atribuídos, merecendo ser beatificado pelo Papa Leão XIII, em 1888, e canonizado pelo mesmo Papa em 1900. A 15 de maio de 1950, o Papa Pio XII o proclamou padroeiro dos educadores católicos. Hoje, seus restos mortais e algumas relíquias se encontram na Capela da Casa Generalícia, em Roma.

Em 1958, o então governador do Estado do Rio Grande do Sul, Ildo Meneghetti, o declarou patrono do magistério gaúcho, escolhido, entre outros candidatos, pelo voto do magistério do Rio Grande do Sul. A Igreja comemora sua festa no dia 07 de abril.

Figura 3: Beato Irmão Salomão Leclerq



Foto: Luciano Lunkes, 2013.

No terceiro vitral analisado, identifica-se o Beato Irmão Salomão Leclerq na imagem de um homem de pé, cabelos curtos e castanhos, com a cabeça aureolada na cor amarelo ouro e o rosto levemente inclinado para frente e para baixo. Seus braços e mãos encontram-se sobrepostos sobre o peito. Veste uma túnica preta, acompanhada de uma capa na mesma cor. Junto ao pescoço, abrangendo parte do peito, tem um colarinho no formato quadrado e na cor branca.

A túnica do Beato Irmão Salomão Leclerq indica sua condição de membro da Congregação dos Ir-

mãos das Escolas Cristãs; seu olhar e posição do rosto evocam serenidade e reflexividade.

Nicolau, nome de batismo do Beato Irmão Salomão, nasceu no dia 15 de novembro de 1745, em Boulogne-sur-Mer, França. Ao entrar no Instituto recebeu o nome de Irmão Salomão. Foi professor, diretor e administrador, manifestando em todo seu trabalho verdadeiro amor aos pobres e respeito profundo às pessoas. Sua santidade foi atestada durante a Revolução Francesa, ocasião em que a Igreja foi perseguida na França. No período, Salomão distinguiu-se como defensor das diretrizes papais e das publicações contrárias ao juramento revolucionário, que previa a desobediência ao Papa. Essa atitude, que por diversas vezes levou-a à prisão, custou-lhe a vida. Em 2 de setembro de 1792, ele e diversas outras pessoas que se recusaram a rejeitar as diretrizes papais foram decapitados.

Salomão foi o primeiro Mártir da Congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs, proclamado Beato Irmão Salomão em 17 de outubro de 1926, pelo Papa Pio XI. A festa do Beato Irmão Salomão é celebrada no dia 2 de setembro.

Figura 4: São Gabriel da Virgem Dolorosa



Foto: Luciano Lunkes, 2013.

No quarto vitral, vê-se um homem de aparência jovem, cabelos curtos na cor castanha, aureolado na cor dourada e amarela, rosto voltado para frente, levemente inclinado para baixo, veste uma batina preta, sobreposta com uma capa na mesma cor, tendo sobre o peito um coração finalizado com uma chama amarela e uma cruz sobre a mesma. Na cintura, um terço pendurado. Seu braço e mão direita apoiam-se sobre o peito. Sua mão esquerda segura um crucifixo.

O jovem representando no vitral é São Gabriel da Virgem Dolorosa. Francisco era seu nome de batismo. No vitral, porta o hábito clerical, pois era seminarista. No cinturão de suas vestes, carrega um terço, que simboliza a devoção por Maria. Sua espiritualidade foi marcada pelo amor a Jesus crucificado e a Nossa Senhora das Dores.

Gabriel nasceu em Assis, Itália, em 1º de março de 1838. Foi aluno dos Irmãos das Escolas Cristãs em Spoleto, no sul da Itália. Em 1856, ingressou na Congregação dos Padres da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, fundado por São Paulo da Cruz. Morreu aos 24 anos, no dia 27 de fevereiro de 1862, deixando, entre outros escritos, uma coleção de pensamentos sobre Nossa Senhora e cerca de quarenta cartas

de devoção à Virgem Dolorosa. Foi beatificado por Pio X em 1908, ano em que os Irmãos Lassalistas chegaram a Canoas.

Figura 5: Brasão da Família La Salle

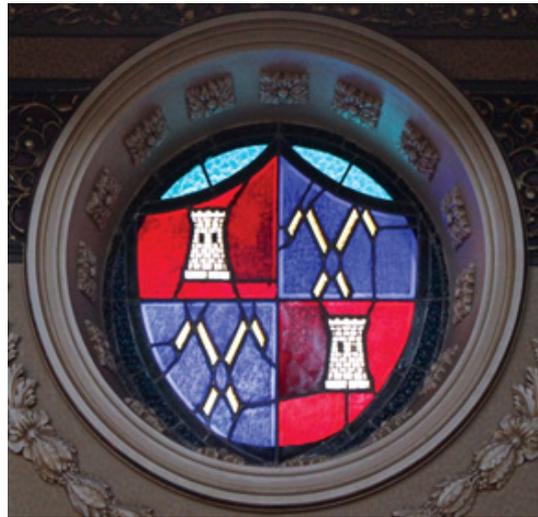


Foto: Luciano Lunkes, 2013.

O quinto vitral traz um dos brasões da família La Salle. Apresenta-se em forma de círculo colorido, composto de quatro partes principais, onde aparecem dois conjuntos com três caibros sobre fundo azul intenso e duas torres de igual tamanho sobre um fundo com cores vermelhas vivas.

A origem dos três caibros remonta ao dia 28 de abril de 711, quando os árabes atravessaram o Estreito de Gibraltar e ocuparam o sul da Espanha (Granada), travando batalha com os visigodos que dominavam a Península Ibérica. Nesse contexto, Johan Salla é convidado para ser o comandante das forças reais de Afonso II das Astúrias. No combate contra os árabes, uma pedra lançada por uma catapulta inimiga quebra-lhe a perna em três partes. Em honra ao herói, o rei concedeu o Brasão de Armas à família Salla, no qual foram inscritos três caibros dourados em fundo azul escuro, uma referência às pernas quebradas. Logo abaixo, lê-se “*indivisa manent*” (em latim, “as coisas não divididas permanecem), o que associa o valor evangélico da unidade e da fraternidade à família.

Informa la historia de Joan Salla, *guerrero catalán*, jefe de los ejércitos del rey de Oviedo, Alfonso el Casto, fue quien legó a los suyos el escudo de armas que ahora distingue a la familia De La Salle. Ostenta el escudo en dos de sus cuarteles, sobre campo de azul, tres chevrones dorados y en los otros cuarteles y en campo de gules, un castillo almenado. Los chevrones dorados recuerdan el sacrificio del primer Salla que en fiel servicio de su señor, vio sus piernas quebrantadas. Terratenientes, guerreros, marinos, clérigos, prelados y santos honraron este emblema. El mayor de todos fue, sin duda, San Juan Bautista De La Salle quien al renunciar a su herencia nobiliaria, engrandeció a su casa y legó su escudo a millares de nuevos soldados y nuevos héroes y nuevos santos (ESCUDO DE LA SALLE, 2013).

Alguns descendentes de Johan Salla se mudaram para a França por volta de 1350. Desde então, adotaram o nome de La Salle. Faz parte desta descendência Louis de La Salle, que se casou com Nicole de Moët de Brouillet, cujo filho primogênito foi João Batista de La Salle. No que se refere à torre, trata-se de um símbolo antigo de nobreza. Nicole de Moët de Brouillet, ao se casar com o burguês Louis de La Salle, perdeu a pretensão ao título de nobreza. Não obstante, algumas linhagens da família La Salle se

viram outorgadas desse título em período semelhante ou anterior (LAINÉ, 1841). Segundo um dos Irmãos Lassalistas entrevistados para a pesquisa, a revista *Bulletin des Écoles Chétiennes*, volume I de 1923, traz um artigo baseado na obra de Louis Joriaux onde aparecem quatro brasões da família La Salle. Ainda que todos apresentem os caibros quebrados, apenas nos dois mais recentes as torres aparecem. Em um deles, lê-se “ut turris immotus” (em latim, firme como torres).

O Brasão que associa dois símbolos históricos é a expressão viva e dinâmica do ideal e carisma do fundador São João Batista de La Salle, que queria mestres firmes na fé e voltados à missão de educar “para o bem viver”. Tanto os caibros como as torres são símbolos de luta, força, perseverança, fortaleza e persistência: virtudes muito recomendadas aos seus seguidores<sup>14</sup>.

Figura 6: Brasão do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs



Foto: Luciano Lunkes, 2013.

O sexto e último vitral analisado é o do Brasão do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs. Em forma de escudo, é composto por três partes principais: sobre o fundo vermelho, à direita, aparecem as letras S na cor branca e o J, na cor amarela, entrelaçadas; sobre o fundo azul, à esquerda superior, vê-se uma estrela com raios e cinco pontas na cor prateada; e sobre o fundo verde, abaixo da estrela, a iconografia da bandeira da República Federativa do Brasil.

As letras entrelaçadas lembram o Instituto São José, nome primitivo do estabelecimento de ensino e o Santo Padroeiro da Capela, cujas iconografia e iconologia foram apresentadas na discussão da Imagem 1. A estrela com seus raios é a Estrela de Belém: *Signum Fidei*, sinal da fé em latim; fundamento e fonte de espiritualidade que deve irradiar na missão lassalista. Desde meados do século XVIII, a estrela é símbolo oficial da Congregação Lassalista. Como assinala José Odílio Kirch, “os Irmãos das Escolas Cristãs adotaram por símbolo a Estrela de Belém, com o *Signum Fidei*, sinal da fé. Inspiraram-se na Meditação 96 [de João Batista de La Salle].” (KIRCH, 2008 p. 50).

A iconografia da bandeira da República Federativa do Brasil, presente no Brasão, indica o enraizamento da Congregação no país. Atualmente (2014), o Centro Universitário La Salle de Canoas/RS figura como protagonista das ações voltadas à formação de pessoas de nível superior no Brasil e na América

<sup>14</sup> As duas torres, representados no vitral foram reproduzidas em forma de pórticos em uma das entradas do Unilasalle, em 1980, para marcar os trezentos anos da fundação do Instituto (1680-1980).

Latina. Seu Reitor, Irmão Paulo Fossati, é o atual Presidente da *Internacional Association of Lasalian Universities* para América Latina e Caribe.

### Considerações finais

Reconstruir o significado simbólico dos vitrais da capela São José é confirmá-la como espaço de memória simbólico-religiosa e de identidade Lassalista. A pertinência desta pesquisa reside na perspectiva de explorar o quanto o simbólico é capaz de articular a realidade com acontecimentos históricos, memoriais e afetivos da Congregação.

O estudo dos vitrais não deve ser considerado como um conhecimento racional teórico, mas uma ponte para a compreensão de como se articula a realidade vivida pelo crente com a sua comunicação com o transcendente e a tradição lassalista. Neste sentido, a interpretação iconológica se apresenta como num método privilegiado de compreensão dos sentimentos e valores coletivos transmitidos entre uma geração e outra. Em outras palavras, trata-se de uma forma de manter vivos os vínculos com o passado e de criar novos e significativos elementos de memória social no presente.

Os vitrais descritos neste trabalho privilegiam a perspectiva simbólico-memorial adotada pelos pesquisadores. No período em que foram dispostos no espaço arquitetônico da Capela pelos primeiros Irmãos vindos a Canoas, já representavam a materialização das lembranças coletivas e espirituais da Congregação. As análises aqui realizadas destacam, ainda, integração entre o amor e a liberdade cristãs como experiências pessoais do crente. Em ambos os casos, espera-se haver contribuído para que os conteúdos dessas lembranças e experiências sejam transmitidos para um público mais amplo, potencializando, por extensão, a tradição dos elementos mais significativos da memória social lassalista.

### REFERÊNCIAS

- CARDITA, Ângelo. *O Mistério, o Rito e a Fé*: Para uma recondução antropológica da teologia litúrgico-sacramental. Lisboa, BOND, 2007.
- CORNET, J. A.; ROUSSET, E. *Iconographie de Saint Jean-Baptiste de La Salle*. Roma: FSC, 1989.
- CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Premissas para o estudo da memória coletiva no mundo urbano sob a ótica de itinerários dos grupos urbanos e suas formas de sociabilidade. *Revista Margem*, 1998, p. 243–259.
- GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. *Igreja poder e educação: os Lassalistas na América Latina (1900 a 1930)*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Unisinos, 1998.

- HASTENTEUFEL, Zeno. *Infância e adolescência da Igreja*. Porto Alegre: PUCRS, 1995.
- IZQUIERDO, Ivan. *Memória*. 2. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2011.
- IZQUIERDO, Ivan; BEVILAQUA, Lia; CAMMAROTA, Martin. A arte de esquecer. *Estudos Avançados*, v. 20, n. 58, 2006, p. 289–296.
- JELIN, Elizabeth; LANGLAND, Victoria. Las marcas territoriales como nexo entre pasado y presente. In: \_\_\_\_\_ (Comps.). *Monumentos, memoriales y marcas territoriales*. Madrid; Buenos Aires: Siglo XXI, 2003. (Coleção Memórias de la represión).
- KIRCH, José Odillo. *Lassalista: um belo sonho de Deus*. 2. ed. Porto Alegre: Província Lassalista de Porto Alegre, 2008.
- LAINÉ, P. L. *Archives généalogiques et historiques de la noblesse de France*, ou, Recueil de preuves, mémoires et notices généralogiques, servant à constater l'origine, la filiation, les alliances et les illustrations religieuses, civiles et militaires de diverses maisons et familles nobles du royaume. Oxford: Oxford University Press (digitalização), 1841.
- LIVRO Memorial do Instituto São José (1908-1949). Museu e Arquivo Histórico La Salle (Canoas, RS).
- MARDONES, José Maria. *A vida do símbolo: a dimensão simbólica da religião*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- NESELLO, Norberto Luiz. *1908-La Salle-2008: Cem anos de presença em Canoas*. Canoas/RS: La Salle, 2011.
- OSÓRIO, Joaquim Luis. *Partidos políticos no Rio Grande do Sul: período republicano*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1930.
- PADRÓS, Enrique Serra. Ditadura brasileira: verdade, memória...e justiça. *Historiae*, Rio Grande, v. 3, p. 65-84, 2012.
- PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.